

<b>Turma</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Docente Responsável</b>	<b>Horário</b>
<b>HS 814 – A</b>	<b>História e Teorias da Antropologia I</b>	<b>Profª Drª Suely Kofes</b>	<b>quinta-feira 14:00 às 18:00 h</b>
<b>1º Semestre de 2007</b> <b>EMENTA DO CATÁLOGO:</b> Estudos das Teorias antropológicas (vistas em sua historicidade) através de autores, temas e questões relevantes no campo disciplinar, privilegiando o chamado período de formação.			

### PROGRAMA

**HS-814 - História e Teorias da Antropologia I**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Mestrado**  
**Primeiro Semestre de 2007**  
**Profa. Suely Kofes**

#### 1. APRESENTAÇÃO

Imaginemos um baralho cujas cartas remetem a um tema, *Antropologia (1860-1960)*. As cartas foram embaralhadas e oito delas foram postas sobre a mesa para que comecemos o jogo de montar. Outras cartas, mesmo que de outros baralhos, serão posteriormente incorporadas.

Consideremos então as oito referências bibliográficas como equivalentes às oito cartas do baralho imaginado.

Este curso (o equivalente ao jogo de montar imaginado) pretende concentrar-se nesta bibliografia durante um mês. A leitura destes textos de autores diversos e de contextos diferentes (como se fossem justapostos aleatoriamente, mas não o foram) e a discussão em sala de aula, nos permitirão formular e registrar um inventário composto por comentários sobre conceitos, estilos, trechos, temas, indagações. Os textos lidos (a biografia de seus autores e os seus contextos complementarão as nossas leituras) e, finalmente, o inventário formulado coletivamente, constituirão a continuidade do programa do curso que irá então focalizar e aprofundar as questões selecionadas com uma bibliografia adicional.

Este é um curso de formação em antropologia social, supõe o compromisso para compartilhar leituras, discussões em sala de aula, ampliação da bibliografia e de outros recursos, redação de textos e apresentação de seminários. O objetivo do curso é o de conhecer algumas das configurações distintas na história da antropologia e de atualizar criativamente as suas teorias.

#### 2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Lucien LÉVY-BRUHL (1930), *L'expérience mystique et les symboles chez les Primitifs*.

Paris : Librairie Félix Alcan, 1938, 314 pages. Collection Travaux de l'année sociologique (Ver também no "Les classiques des sciences sociales", Site web: [http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html))

2. Marcel MAUSS (1909) : " La prière", Paris: Félix Alcan, Éditeur. ((Ver também no "Les classiques des sciences sociales", Site web: [http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html))

3. Bronislaw MALINOWSKI, (1935): *Coral Gardens and their Magic*. Londres, George Allen & Unwin.

4. E. E. EVANS-PRITCHARD(1956) : *Nuer Religion*. Oxford: Clarendon Press, 1956.

5. E. E. EVANS-PRITCHARD E (1937) : *Witchcraft, Oracles and Magic Among the Azande*. Oxford, Oxford University Press

6. Margaret MEAD (1959): *An Anthropologist at Work: Writings of Ruth Benedict*, Boston: Houghton Mifflin Co., 1959.

7. Edward SAPIR : The interplay of culture and personality (Part Three of Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality), Book by David G. Mandelbaum, Edward Sapir; University of California Press, 1949

8. Victor TURNER (1957). Schism and continuity in an African society: A study of Ndembu village life. Manchester, England: Manchester University Press.

## 2. PRÉVIA

Um trecho do primeiro texto indicado, como exemplo para o inventário:

Pour les mêmes raisons, la ligne de démarcation entre « croyance » et « expérience », si bien tracée dans notre esprit, paraît mouvante, fuyante, et même, en certains cas, tend à s'effacer quand il s'agit des primitifs. Non qu'ils soient incapables de sentir cette distinction ou d'en apprécier l'importance. Leur comportement habituel ne permet pas de le supposer. Mais alors la difficulté subsiste. Comment ce qui, selon nous, est indubitablement une croyance, peut-il être pris par eux pour une expérience?